



**XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social  
Movendo Outras Engrenagens  
Itajubá-MG, Brasil**

**Tecnologias da Informação para Fins Sociais - Pesquisa-ação no estudo da vigilância digital sofrida por movimentos sociais no Rio de Janeiro dos Megaeventos**

*Information Technologies for Social Purposes - Action research in the study of digital surveillance suffered by social movements in the Mega-events Rio de Janeiro*

Arthur Oscar de Castro, Arthur Guilherme Souza, Pedro Jullian Medina Torres Graça, Pedro Henrique da Costa Braga, Camille Costa Perissé Pereira

**RESUMO**

Em um contexto que cada vez mais estão presentes as interações com tecnologias da informação na sociedade garantindo uma maior qualidade e facilidade na comunicação e acesso a informação, se faz então necessário se debater essa interação. A militância de grupos políticos não escapa desse cenário, dadas diversas ferramentas que estão disponíveis para aprimorar a organização e ação, porém ao mesmo tempo aumenta sua exposição, visto que o aparelho repressivo garante cada vez mais uma vigilância massiva em rede. Este trabalho vem apresentar a forma como se organizou um curso de segurança da informação para movimentos sociais utilizando a metodologia da pesquisa-ação e como se deu sua utilização para adequar-se às condições específicas desta ação

**Palavras-chave:** Pesquisa-ação. Segurança da informação. Tecnologia da Informação.

**ABSTRACT**

*In a context that the interactions with information technologies is more and more presents what is improving the quality and facility of communicating and access off information, this make necessary to debate about this interaction. This scenario isn't different for social militancy, who has a lot of tools available for their organization and action improvement, but this facilities made to an increase of exposition for oppressive surveillance, who has a strong apparatus. This work will show how was made a counter-surveillance course for social movements using Action Research and how was used the utilization of this methodology for adequate to the Action specifications.*

**Keywords:** Action Research. Information security. Information Technology.



## XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

### 1 INTRODUÇÃO

A comunicação é uma necessidade de movimentos sociais devido às necessidades de planejamento, debate e organização, que são cruciais para o funcionamento da militância. Com o advento das ferramentas de tecnologia da informação e da ampliação do acesso à internet, surgem novas oportunidades para otimizar a comunicação dos movimentos sociais, dando possibilidade de acesso à informação e comunicação em tempo real, de divulgar de maneira mais massiva e de superar problemas com relação à comunicação para grandes distâncias. Sob essa perspectiva, diversos grupos hoje mergulham sua militância na rede virtual, o que amplia o alcance e a velocidade da comunicação em relação às ferramentas mais arcaicas. Porém, há que se considerar que essa inserção e acesso a tais benefícios possui um revés: uma possível maior exposição a perigos de vigilância.

No Brasil, o assunto de vigilância foi tomado a cabo com muito empenho pelo Estado, tendo vista os megaeventos que tinham o pretexto de demandar melhorias de segurança, principalmente no setor de inteligência, com a justificativa de evitar atentados terroristas e outros problemas relacionados à violência, que comprometeriam a realização dos eventos, desta forma movendo grandes montantes de dinheiro para esse fim, porém as ferramentas adquiridas poderiam ser usadas com objetivos de vigiar e desarticular movimentos sociais, destruindo uma possível pluralidade política: um pilar importante para uma democracia moderna. Casos como o processo dos 23 presas e presos políticas/os de 2013<sup>1</sup> demonstram como a inteligência do poder estatal serviu para prender indivíduos por razões, a priori, meramente políticas. Dessa forma, hoje o Estado brasileiro tem ferramentas de vigilância e as usa para acompanhar e rastrear movimentos sociais.

Assim como o aparato Estatal progrediu em sua inteligência, uma parcela dos movimentos populares, em resposta, desenvolveu métodos para resistir à vigilância, e reutilizou metodologias de segurança já historicamente testadas, visto a tradição de perseguição política perpetrada pelo Estado brasileiro. Possíveis exemplos de novas aplicações de técnicas antigas é a tentativa de comunicação por códigos, em ferramentas digitais. Existe também parte da militância que já se acautela em relação a dispositivos eletrônicos, tomando o cuidado de não transmitir informações sigilosas por meios que sabidamente são inseguros. Infelizmente, esse quadro não é

<sup>1</sup>Veja caso em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/20/politica/1405810378\\_758119.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/20/politica/1405810378_758119.html)



## **XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil**

o padrão, pois outros grupos ainda não se inseriram nesse debate e acabam se expondo a riscos desnecessários, o que põe em cheque sua segurança como indivíduos e organizações, e pode também até comprometer a segurança de terceiros.

Ao mesmo tempo, o debate do direito à privacidade no âmbito da internet e de todos os outros direitos na web ainda está muito centrado no meio acadêmico e nas populações com maiores recursos, sendo muitas vezes um debate que não atinge nem uma linguagem popular nem os problemas populares. Há uma limitação da academia em conseguir construir um conhecimento que seja de fácil aplicação para quem realmente carece de soluções técnicas.

Nesta perspectiva, o projeto Tecnologia da Informação para Fins Sociais, do Programa SOLTEC/UFRJ, vem desde 2016 atuando com a construção de um curso de formação e sensibilização sobre segurança da informação para movimentos sociais. O curso foi desenvolvido a partir da metodologia da pesquisa-ação, já que a ação da elaboração do curso seria muito mais eficiente a partir do momento em que conseguisse reunir o acúmulo de debate das organizações que já aplicam certas táticas, gerando novo conhecimento e aplicando-o através de uma adequação de programa e linguagem, que é muito facilitada graças à participação dos atores e das atrizes na construção da ação e da pesquisa. Tal metodologia permite a produção de um curso que atenda ao máximo às expectativas alçadas das atrizes e dos atores envolvidos/as.

Neste artigo, será descrita a construção do curso de extensão do projeto TIFS/SOLTEC/UFRJ com análise sobre a metodologia da pesquisa-ação e seus princípios utilizados, tendo como principal base o livro “Metodologia da pesquisa-ação” (Thiollent,1986). Também serão mencionados o processo da formação dos bolsistas, a execução de seminários de construção e elaboração de apostila, seguidos pela aplicação do curso. Finalizaremos com a discussão dos resultados do curso bem como uma perspectiva dos caminhos seguintes.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia empregada pelo SOLTEC para suas ações de extensão universitária é a pesquisa-ação. Essa linha de pesquisa surge da necessidade de uma metodologia de estudos da área social que fosse além das pesquisas



## **XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil**

embasadas no positivismo. Isso se manifesta nas diferenças das premissas entre as duas linhas metodológicas.

Na pesquisa-ação, o seu elemento central é a ação, construída em conjunto pelos pesquisadores com os pesquisados, e decidida de forma cooperativa. Assim, a pesquisa-ação está normalmente direcionada para movimentos da sociedade civil e para grupos marginalizados e oprimidos. Isso se dá porque uma das bases da pesquisa-ação é que a ação vá no sentido da transformação da realidade dada para que se possa compreender sobre esta. Não há como entender o mundo social sem participar dele, a pesquisa já é uma forma de intervenção.

Outro importante aspecto da pesquisa-ação é o de ser uma pesquisa própria para análises de conjuntos, uma vez que esta metodologia se ajusta entre o nível microssocial e o nível macrossocial. Pode-se evidenciar isso observando que o foco sempre está na análise de ações e não de aspectos estruturais ou psicológicos. Assim, faz sentido falar de pesquisa-ação em um curso ou uma ação de um dado movimento social, mas não em uma pesquisa exploratória sobre o movimento em si.

Desde o início, é muito importante ter claro qual é a ação que se pretende fazer, o que se espera ser o impacto dela e quais são os seus agentes, além de ter clareza entre os objetivos da pesquisa, os da ação e a relação entre eles. Para isso, é importante que se trate os pesquisados como atrizes e atores, diferente das pesquisas convencionais que os tratam como fornecedores de informação, ressaltando aspectos individuais.

Apesar da premissa inicial de intervenção, a pesquisa-ação mantém algumas das exigências do ideal científico. Ela não deixa de ser um experimento semi-controlado, e, assim, é muito importante o seu caráter participativo e cooperativo, uma vez que somente através do diálogo entre o conhecimento acadêmico e o popular, a pesquisa-ação é capaz de produzir soluções melhores para problemas concretos e novos conhecimentos, mais próximos à população de forma ampla.

Uma vez que se trabalha com aspectos mais qualitativos do que quantitativos, busca-se, por exemplo, o consenso entre os pesquisadores, as atrizes e os atores, a fim de manter a objetividade do estudo. É por meio da argumentação que busca-se interpretar os dados obtidos e assim, chegar a fortes indícios ou indicativos de uma preposição, sem pretender chegar a uma verdade absoluta.



## **XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil**

Sobre a função política da pesquisa-ação: seria a de fortalecer a autonomia e a conscientização dos autores, além do reconhecimento de causas populares, para que se torne um instrumento dos movimentos sociais e dos oprimidos.

Thiollent (1986, p.47-72) apresenta 12 temas que devem ser tratados ao longo de uma pesquisa-ação (que não são lineares): (1) a fase exploratória; (2) o tema da pesquisa; (3) a colocação dos problemas; (4) o lugar da teoria; (5) hipóteses; (6) seminário; (7) campo de observação, amostragem e/representatividade qualitativa; (8) coleta de dados; (9) aprendizagem; (10) saber formal / saber informal; (11) plano de ação; e (12) divulgação externa.

A fase exploratória é o início de toda pesquisa-ação, nela se constroem todos os aspectos para a realização da ação. É nela que se faz o diagnóstico da situação prévia e o fim dessa etapa é a de firmar o “contrato” entre pesquisadores e pesquisados, sendo, por isso, importante que fique claro a todos o que será feito.

O tema da pesquisa e a colocação dos problemas normalmente são construídos na fase exploratória. O tema é a questão mais ampla e ajuda a definir as áreas do conhecimento envolvidas. O problema diz sobre a abordagem teórica sobre o tema. O seminário é o âmbito onde os pesquisados e pesquisadores definem sobre os processos da investigação.

Na coleta de dados, pode-se organizar entrevistas coletivas e individualizadas em que os dados serão levados ao seminário, a fim de que todos possam refletir sobre o significado dos dados. O plano de ação, por sua vez, deixa claro quem são os autores, quais os objetivos, como será atuação dos autores e como avaliar seus resultados. Já na divulgação externa, busca-se estabelecer, através do seminário, quais serão os meios para a divulgação do plano de ação e dos resultados obtidos, com o objetivo de aumentar o impacto e a representatividade/legitimidade da ação.

Na pesquisa-ação, vê-se a necessidade de criação de uma organização autônoma (ou fortalecendo as existentes, ou criando novos grupos) que incentive a autoconsciência dos indivíduos a fim de superar a subordinação que os grupos oprimidos geralmente se encontram.



**XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social  
Movendo Outras Engrenagens  
Itajubá-MG, Brasil**

**3 CONSTRUÇÃO DO CURSO DE CONTRA-VIGILÂNCIA PARA  
MOVIMENTOS SOCIAIS**

Visto a flexibilidade da pesquisa-ação frente a uma ordenação de tarefas (Thiollent, 1986, p. 47), desde a concepção do curso houve um planejamento flexível quanto à construção da ação, sabendo que os temas poderiam se repetir ou até mesmo se prolongarem por todo projeto. Os seminários e as hipóteses são exemplos de temas cíclicos que se prolongam por todo o processo de construção do curso.

O primeiro tema da pesquisa é a fase exploratória, que consiste na preparação para o início da pesquisa, sendo feitos os primeiros contatos buscando atores e atrizes interessados/as, recursos financeiros para o projeto buscados e fazendo diagnóstico dos problemas a serem resolvidos pela ação, ressaltando que este diagnóstico previsto pela pesquisa-ação não se assemelha com o modelo de diagnóstico médico, que consiste em uma simples avaliação do especialista sobre o quadro. Em contraste a este, a pesquisa-ação é capaz de produzir o diagnóstico em contato com os grupos pesquisados e com acúmulo sobre o assunto que participam ativamente neste levantamento (Thiollent, 1986, p. 48-49).

Paralelamente aos primeiros contatos com os movimentos, era necessário pensar na colocação de problemas, tomando as dificuldades, e assim analisar como sair da situação inicial para a situação almejada. Por conta desse debate, foi analisada a necessidade tanto de uma sensibilização acerca do tema quanto uma formação sobre Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs). Dessa forma, foram pensados dois cursos, um mais simples com conteúdo reduzido e com foco principal na sensibilização, e um segundo modelo de curso mais longo com um aprofundamento no debate técnico. Os dois pontos seriam de suma importância, visto que as delimitações da situação atual se dão como um debate incipiente, com pouco conhecimento formal a respeito das TICs, e que o delinear da situação desejada é um debate maduro sobre a questão de segurança pelos atores e atrizes envolvidos/as na ação (Thiollent, 1986, p. 53-54).

Após a execução dos primeiros temas da pesquisa e de se elaborar o cronograma do curso com sua importância dada à sensibilização e formação técnica, levou-se ao campo as hipóteses para o primeiro seminário. A pesquisa-ação não busca seleção aleatória de grupos pesquisados, mas sim escolhas intencionais,



## **XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil**

baseadas nos grupos, as quais os pesquisadores considerem importantes (Alvear, 2014, p. 163). Convidou-se, então, representações de grupos de midiativismo, militantes de partidos que lutam por direitos na internet e militância de atuação judicial. Tais grupos foram chamados para esse primeiro seminário por serem os grupos que, a princípio, já possuíam mais acúmulo sobre o tema e poderiam contribuir de maneira notória nos primeiros passos do curso.

No primeiro seminário, foi fortalecida a hipótese levantada pelos pesquisadores de uma necessidade de cursos com programas e didáticas variadas, pela hipótese levantada de que as ferramentas iriam variar dependendo do espaço de militância, pela variação de acúmulo de conhecimento formal, idade, classe social. Apesar da necessidade de uma abordagem diferente para cada grupo, foi discutido que um primeiro evento deveria ser generalista e aberto a todos aqueles que militassem, para que, através de um primeiro contato com o tema da vigilância, pudessem estreitar parcerias e elaborar cursos específicos para aquelas e aqueles com interesse.

Foi também debatido os principais erros de segurança dos movimentos sociais principalmente relacionados às TICs sendo identificados dois tipos de problema: grupos que desconsideravam os riscos de trocar informações sigilosas por ambientes virtuais que não ofereciam um grau de segurança necessário, e grupos que acabavam beirando a paranóia, supervalorizando o poder de vigilância de possíveis agentes de repressão, o que dificultava a mobilização da organização. Após esse seminário, foram elaborados mais dois, sendo estes apenas para os pesquisadores passarem às/aos outras/os atrizes e atores o caminho que estava sendo feito e discutir os próximos passos.

O desafio da aplicação do primeiro curso se dava em como adaptar o discurso para alcançar uma diferente gama de atores e atrizes e assim conseguir aproximá-los do debate e estimular uma sede sobre a temática. Ficava claro que a modelagem se daria em um curso primordialmente para sensibilização ao tema. Outro desafio seria suprir a demanda de formação em TICs mais seguras que as convencionais, porém tendo tempo escasso, visto o foco na sensibilização. Dessa forma, foi reforçada a ideia da produção de uma apostila com diversos materiais registrados, a qual já havia sido sugerida por facilitar o acesso à informação dos atores e das atrizes após a ação. A apostila foi produzida pelos bolsistas e somada a outros materiais disponíveis pela internet.



## **XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil**

Enquanto a apostila era elaborada, mantinha-se contato com as atrizes e os atores que haviam participado do primeiro seminário, mas também era feita uma busca por outros e outras, para divulgação e para auxiliarem na estrutura para aplicação do curso. Foram feitos contatos com diversos sindicatos a fim de se obter apoio com a estrutura, e se conseguiu auxílio financeiro da Sindpetro e do SENGE, este último também oferecendo local para realização.

Mediante a estrutura material acertada e o projeto do curso elaborado, se fazia necessário ainda uma divulgação que conseguisse aproximar do curso uma gama mais variada possível de militantes e que buscasse ao máximo uma paridade de gênero e cor. Foi elaborado um formulário de inscrição, onde seriam colocadas as informações pessoais sigilosas, que serviriam tanto para seleção quanto para debate futuro, o qual foi elaborado no sítio eletrônico da REPOS. Esse formulário foi espalhado por redes sociais.

O formulário tinha por finalidade, além de nos dar uma estimativa da quantidade de atores e atrizes interessados/as por meio das inscrições, fornecer uma coleta de dados dos mesmos. Como o curso foi destinado aos mais variados grupos, naquele momento ainda não tínhamos uma delimitação do campo de observação. Portanto, utilizamos o formulário, tendo em vista, inicialmente, uma larga escala.

A coleta de dados é efetuada por grupos de observação e pesquisadores sob controle do seminário central. As principais técnicas utilizadas são a entrevista coletiva nos locais de moradia ou de trabalho e a entrevista individual aplicada de modo aprofundado. [...] Ao lado dessas técnicas, também são utilizáveis questionários convencionais que são aplicáveis em maior escala. (THIOLLENT, 1996, p. 64)

Os dados obtidos pelo formulário nos forneceram uma estimativa dos perfis dos atores e das atrizes que participariam do curso, e a partir dela escolhemos os temas a serem abordados<sup>2</sup>. Após as inscrições serem fechadas foram escolhidas/os as atrizes e os atores, analisando os fatores antes mencionados.

### **4 EXECUÇÃO DA PRIMEIRA OFICINA**

<sup>2</sup>Apesar de nem sempre serem aplicados, nota-se a relevância da utilização de formulários em (THIOLLENT, 1996, p. 65) “Um outro problema freqüentemente discutido diz respeito ao uso de questionários ou formulários. Como se sabe, na pesquisa convencional tais instrumentos desempenham um importante papel na obtenção de informação sobre as características sócio-econômicas e opinativas da população. Na pesquisa-ação nem sempre são aplicados questionários codificados [...] No entanto, quando a população é ampla e o objetivo da descrição e da análise da informação é bem definido e detalhado, o questionário geralmente é indispensável.”



## **XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil**

O primeiro curso realizado foi denominado “1ª Oficina de Segurança Digital para Ativistas”. Realizamos a oficina dividindo-a em duas partes: sensibilização e ferramental. A primeira parte destinou-se a uma sensibilização da segurança da informação aos atores e às atrizes envolvidos/as, sendo este o nosso principal objetivo da oficina.

Encontramos outras situações nas quais os objetivos são voltados para a tomada de consciência dos agentes implicados na atividade investigada. Nesse caso, não se trata apenas de resolver um problema imediato e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos político ou cultural a respeito dos problemas importantes que enfrenta, mesmo quando não se vêem soluções a curto prazo como, por exemplo, nos casos de secas, efeitos da propriedade fundiária, etc. O objetivo é tornar mais evidente aos olhos dos interessados a natureza e a complexidade dos problemas considerados. (THIOLLENT, 1996, p. 18)

Começamos por indagar comportamentos dos atores e das atrizes em relação à segurança e depois citamos alguns exemplos de perseguições a movimentos sociais pelos governos, empresas privadas e indivíduos com objetivos repressivos que usavam as TICs (Tecnologias de Comunicação e Informação), discorremos numa rápida discussão sobre a utilização das TICs no capitalismo globalizado em uma escala macro e micro, sobre o ambiente de controle da internet e, por fim, um debate sobre a importância da utilização das TICs .

Após um primeiro contato com o assunto, introduzimos um questionário para que as atrizes e os atores respondessem às questões com suas impressões naquele momento da oficina. Denominamos tal questionário por reação. Seriam, ao todo, quatro reações introduzidas, intercalando os assuntos de forma que obtivéssemos respostas coerentes para nossas futuras avaliações.

Por estarmos tratando de um caso em que temos uma limitada quantidade de atores e atrizes por termos como principal objetivo uma sensibilização, nós consideramos que “a pesquisa deve[ria] abranger o conjunto da população que será consultada sob forma de questionários ou de discussões em grupos” (THIOLLENT, 1996, p.62), e estes dados coletados seriam usados na análise da realização da oficina.

Na primeira reação, foram pedidos dados de idade, raça, gênero e espaço de militância.



## **XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil**

Após a primeira reação, tivemos a colaboração de três palestrantes que foram atrizes e atores dos seminários que realizamos. A oficina havia sido planejada para ter quatro palestrantes convidados, entretanto um deles não pode comparecer.

O primeiro discorreu sobre o caso de perseguição de 23 ativistas que participaram das jornadas de junho de 2013, o segundo fez uma apresentação sobre a lei do marco civil na internet e, por fim, o terceiro se debruçou a discorrer sobre a questão da vigilância e segurança da informação.

Introduzimos, então, a segunda reação, na qual fizemos um mapa de ameaças, que consiste em perguntas sobre por quais grupos ou indivíduos com intenções repressivas as atrizes e os atores se sentiam ameaçados de serem vigiados, e qual deles as atrizes e os atores mais temiam.

Após as palestras, abordamos questões de segurança individual e coletiva da organização, em que introduzimos o conceito de segurança relativa. Nos atemos a este tema várias vezes na palestra por ser crucial a conscientização de que não se deve fixar em uma paranoia<sup>3</sup>, mas que se deve utilizar de técnicas de segurança para se proteger de ameaça de vigilância.

Iniciamos, a partir de então, a segunda parte da oficina, a ferramental. Estimou-se a oferecer recomendações a atrizes e atores de como se apropriar das TICs de forma segura.

Aprofundamos na questão de segurança de senhas e como criar senhas fortes, além de abordar a necessidade do uso de senhas diferentes. Realizamos uma dinâmica com as atrizes e os atores através de um quebrador de senhas, o que possibilitou uma maior compreensão desta temática.

Realizamos uma discussão sobre a importância da utilização de softwares livres em termos de segurança da informação.

Abordamos o conceito de criptografia por chave pública e privada, para que as atrizes e os atores pudessem entender a utilização de ferramentas de criptografia.

Na parte ferramental dedicamos a explicar as características e funcionalidades de aplicativos para troca de mensagem, geradores de senhas, navegadores, e-mails seguros, encriptador de arquivos e de e-mails.

<sup>3</sup>Por paranoia entende-se o repúdio da utilização de TICs devido ao medo da vigilância pelos aparelhos repressivos



## **XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil**

Ao longo da realização da oficina realizamos mais duas reações: uma com questões relacionadas a uma descrição maior dos motivos de temer a vigilância daqueles listados na segunda reação, e outra, introduzida no final, com um caráter avaliativo da oficina.

Após a realização da oficina nos detemos a avaliar a oficina e refletir sobre os pontos positivos e negativos da oficina, e também refletir sobre o aprendizado que tivemos com o saber das atrizes e dos atores.

Dentro da concepção da pesquisa-ação, o estudo da relação entre saber formal e saber informal visa estabelecer (ou melhorar) a estrutura de comunicação entre os dois universos culturais: o dos especialistas e o dos interessados. (THIOLENT, 1996, p. 67)

Além de termos obtido sugestões de ferramentas para futuras oficinas, também tivemos sugestões em nossa metodologia, em que ressaltaram pontos como a importância das diferentes formas de ensinar sobre uma perspectiva geracional, pois a juventude tende a ter maiores conhecimentos de sistemas de informação que os demais, o que os garante uma melhor compreensão quando se aborda ferramentas para segurança da informação.

Avaliamos a necessidade da parte ferramental ser realizada em atividades práticas, e da sensibilização ser fundamental antes de qualquer contato com ferramentas de segurança.

Utilizamos-nos da coleta de dados para ter uma análise mais aprofundada da oficina e realizamos uma análise estatística dos dados, os quais nós divulgamos as atrizes e aos atores em outro seminário. No seminário também discutimos a oficina, nossas avaliações, e propomos a realização de um curso de 20h para as atrizes e os atores, bem como a utilização de assessoria aos grupos. Iniciamos então um plano de ação em conjunto com as atrizes e os atores:

Por fim, um dos principais elementos ao fim da “fase” de pesquisa é o Plano de Ação, que estabelece, de forma clara, quem são as atrizes e os atores da intervenção, quais são os objetivos da ação, como assegurar a participação da população na ação e como avaliar seus resultados. (ALVEAR, 2014, p. 163)

### **5 EXECUÇÃO DA PALESTRA NO CURSO DE COMUNICAÇÃO POPULAR VITO GIANNOTTI DO NPC**



## **XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil**

Fomos chamados para realizar uma palestra de segurança da informação para movimentos sociais durante o “Curso de Comunicação Popular Vito Giannotti” realizado pelo NPC (Núcleo Piratininga de Comunicação). O curso dedicado a comunicadores populares, o que nos fez desenvolver uma mudança de abordagem para que ficasse mais bem colocada a este grupo, tínhamos o tempo de 8h para a realização da palestra.

A realização da palestra se deu de forma semelhante a da primeira oficina, porém com algumas mudanças.

Nesta oficina foi alterado o mapa de ameaças, que havia sido feito na primeira oficina, porém nesta anterior o mapa de ameaças foi sob formato de reação, já descrito. O novo modelo do mapa iria consistir em debates realizados em grupos em contraste com o original que possuía modelo individual. Esta alteração se justifica devido ao interesse de um aprofundamento coletivo sobre o tema, buscando uma construção conjunta de saber. A partir desta experiência Conseguimos alavancar o debate de sensibilização devido a essa técnica proporcionar às/aos atrizes/atores a identificação de inimigos perigosos e sua classificação, se inserindo assim no debate de análise de risco de segurança da informação.

Tivemos um claro problema de representatividade, éramos quatro pesquisadores homens e brancos explicando sobre segurança da informação para um grupo em que tinha uma expressiva quantidade de mulheres negras.

Além disso não tínhamos outros palestrantes como na primeira oficina. Tentando amenizar o problema da ausência de palestrantes convidados e da representatividade, fizemos inserções de 2 vídeos disponibilizados pela Agência Pública<sup>4</sup> que mostravam a narrativa de duas mulheres que sofreram vigilância. Tal qual o mapa de ameaças, a inserção dos vídeos nos ajudou com a parte da sensibilização.

Outras pequenas mudanças também foram adicionadas, como a alteração da ordem dos temas apresentados, e uma ênfase maior em software livre, estas alterações foram resultados da análise que fizemos da primeira oficina bem como da mudança das atrizes e dos atores.

<sup>4</sup>Pode-se acessar os vídeos em: <http://apublica.org/vigilancia/sempr-evigiados/depoimento-de-marcia-jacinto/> e <http://apublica.org/vigilancia/sempr-evigiados/depoimento-de-michele-lacerda/>



## **XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil**

Assim como na primeira oficina, fizemos uma avaliação e reflexão da palestra. Quatro itens do que avaliamos merecem destaque aqui: primeiro a linguagem, em alguns momentos tivemos dificuldades com uso da linguagem na explicação para as atrizes e para os atores, concluímos que precisávamos melhorar esse ponto; em segundo concluímos que foi muito boa a dinâmica gerada pela introdução do mapa de ameaças, e que seria muito bom se realizamos uma dinâmica na parte de criptografia, onde se teve dificuldades de compreensão; em terceiro nos atentamos quanto a pontualidade da chegada das atrizes e dos atores na oficina, aqueles que chegaram depois da sensibilização levaram questões já discutidas anteriormente o que atrapalhou a realização da palestra, por isso decidimos que numa futura oficina ou palestra longa exigiríamos das atrizes e dos atores que só poderiam participar da segunda parte tendo tido participados na primeira; por fim tivemos um grande interesse da realização do curso de 20h por um dos atores ou atrizes que participava da ocupação Vito Giannotti, mantivemos o contato, e após algumas semanas realizamos um seminário na ocupação, que demonstrou-se interessada na construção do curso que nos deixou ainda mais animados com o desenvolvimento do projeto.

### **CONCLUSÃO**

Este projeto como um todo tem se dedicado fundamentalmente no processo de sensibilização dos atores e das atrizes, pretendendo-se a partir disso aumentar o conhecimento, ou o “nível de consciência”, das pessoas e grupos considerados (THIOLLENT 1996, p.16), acerca da vigilância aos movimentos sociais e políticos.

A utilização da pesquisa ação como método tem nos possibilitado mais do que a realização de ações concretas, como a execução da primeira oficina e da palestra no NPC, mas trouxe “uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada” (THIOLLENT 1996, p.16), pudemos encontrar através desta interação grupos interessados em nos ajudar a construir a realização do curso mais longo.

Isto direciona ao objetivo inicial, caminha-se agora para a construção de um curso que visará ensinar a utilização de ferramentas de contra vigilância as/os atrizes/atores, e fazer com que se apropriem das TICs com a conscientização de viverem sob a vigilância do capitalismo globalizado.



**XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social  
Movendo Outras Engrenagens  
Itajubá-MG, Brasil**

**REFERÊNCIAS**

*GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, vols. 1, 3, 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.*

*THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.*

*DE ALVEAR, Celso Alexandre Souza. Sistemas de Informação e a construção de propostas coletivas para Movimentos Sociais e processos de Desenvolvimento Local. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2014.*